

Experiências artísticas e a desestabilização do conceito de identidade*

Fernanda Raquel

Mestre e doutoranda em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, (11) 976010045, fe.raquel@globo.com

* Resenha do Livro: GENIOLI, Ana Amélia C. *Identidade[s] – a produção da diferença em Arte Contemporânea*, São Paulo: Intermeios, 2014.

O livro de Ana Amélia C. Genioli, *Identidade[s] – a produção da diferença em Arte Contemporânea* é inaugurado com uma pergunta – “Quem é Paulo Bruscky?”. Contrariando o que se poderia imaginar com o isolamento desta pergunta, a proposta de Ana Amélia não é capturar o sujeito e suas obras em categorias identitárias fechadas. Ao invés disso, a autora nos convida a deslocamentos e desestabilizações, desenhando uma trajetória que se abre à ambivalência, necessária à sensibilidade contemporânea.

A publicação, resultado de sua pesquisa de mestrado, porém livre dos academicismos, apresenta cruzamentos entre teoria e obras artísticas para pensar sobre identidade de uma forma não substancialista. Como Christine Greiner já nos adverte no prefácio: “o termo identidade se pluraliza, tornando-se reconhecível apenas na sua precariedade, como um processo descontínuo e fadado ao inacabamento”.

Logo na introdução a autora, que também é artista, além de arquiteta e doutora em Comunicação e Semiótica, nos apresenta os principais recortes teóricos que irão balizar sua discussão, dentre os quais vale destacar a teoria corpomídia desenvolvida por Helena Katz e Christine Greiner e os estudos pós-coloniais de Homi Bhabha. Esses autores são fundamentais pois explicitam as concepções de corpo e cultura com as quais Ana Amélia trabalha, abertas aos fluxos e não monolíticas. Aos teóricos somam-se os artistas selecionados, fazendo uma espécie de curadoria intertextual, como a própria autora explicita.

Ana Amélia vai tecendo relações entre arte e espaço, sem nunca pretender constituir um sentido único,

posto que o que lhe chama a atenção são as singularidades despertadas pelas obras. Dentro ou fora de galerias e museus, o que interessa é a desconstrução dos discursos hegemônicos, realizada não só pelos artistas, como também pelos espectadores. Em muitas das obras analisadas o espectador é convidado a uma mudança em seu papel usual de mero observador, já que são produzidas como interferências diretas no meio urbano, transformando a percepção do lugar e de si mesmos.

Considerando os trabalhos de arte como sistemas comunicacionais a análise desenvolve-se de maneira ágil. A obra de Dan Graham “Rooftop Urban Park” (1997), uma estrutura de biombos de vidro que num jogo entre interno e externo, reflete a cidade e o espectador, é um dos exemplos que Ana Amélia utiliza para falar de contexto e percepção. No texto da autora, as espacialidades se desenhavam como gestos.

O capítulo *A identidade no mundo contemporâneo* tem como eixo condutor o conceito de entre-lugares de Homi Bhabha, como uma possibilidade de fazer emergir o que antes estava colocado à margem. Assim, novos modos de ver os sujeitos, as culturas, as tradições e os espaços são explorados, aproveitando alguns exemplos artísticos de obras *site-specific* para ampliar a discussão. “O relacionamento direto entre o trabalho de arte e seu local não é mais baseado em condições físicas estáveis, mas na possibilidade de experimentação de uma rede móvel de relações, transitória e sem repetição” (p. 56).

No capítulo seguinte sobre *o novo internacionalismo*, visto como um estado transicional pela autora, são apresentadas ao leitor obras de artistas brasileiros,

mexicanos, senegaleses, angolanos, argentinos e sul-africanos. Não é por acaso a seleção de obras fora da versão eurocêntrica da arte, ou da periferia do poder. Ana Amélia se inspira nesses artistas para colocar em foco formas contra-hegemônicas de compreensão da História da Arte. Quando expõe obras do mexicano Gabriel Orozco aponta para um desejo de ruptura com os sistemas de sentido único – a vida real e os objetos comuns fazem as obras, questionando conceitos artísticos pré-estabelecidos. Articulações e diferenças vão compondo um caminho por vezes atordoante, diante de tantas referências. Mas a autora não abandona o leitor e o torna cúmplice na reorganização das fronteiras culturais, temporais e espaciais. A noção de hibridismo cultural se oferece como contraponto ao eurocentrismo, e os fluxos aparecem como imagens potentes para pensar processos de contaminação. Poderíamos dizer que Ana Amélia trabalha numa tentativa de construir um pensamento não abissal, como gostaria Boaventura de Sousa Santos.

No último capítulo a autora dedica-se especialmente a três artistas: Rirkrit Tiravanija, Monica Nador e

René Francisco. Todos, de alguma maneira, parecem apostar num potencial transformador da arte, relacionando-se com espaços cotidianos e borrando os limites entre arte e vida. Em todo caso, não se trata de introdução de assunto completamente novo. Ana Amélia parte da problematização dessas experiências artísticas para fortalecer a rede que teceu acerca do sentido de identidade como processo de grande plasticidade.

Para concluir o trabalho a autora faz uma breve retomada das principais referências, mas sobretudo, deixa muito claro o seu percurso – uma investigação interdisciplinar acerca de trabalhos de arte que desafiam os cânones e os enquadramentos excessivamente rígidos. Ao final da leitura temos a sensação de que também a escrita de Ana Amélia desafia os modos de pensamento mais lineares. Seu livro não é mapa, com delimitação de tendências, catálogo de representações ou delimitações estanques. Seu livro é cartografia em movimento, é gesto de artista, é rede de conexões. Leitura para todos os interessados em exercitar novos modos de percepção e conhecimento.